

REFORMAS URBANAS NO RIO DE JANEIRO NA PERSPECTIVA DE MISSIONÁRIOS ADVENTISTAS NORTE-AMERICANOS (1893- 1909)

URBAN REFORMS IN RIO DE JANEIRO FROM THE PERSPECTIVE OF NORTH AMERICAN ADVENTIST MISSIONARIES (1893-1909)

Fábio Augusto Darius¹
Davi Boechat Paiva de Azeredo Coutinho²

RESUMO: Este artigo analisa as reformas urbanas no Rio de Janeiro entre 1893 e 1909 sob a perspectiva de missionários adventistas norte-americanos. Utilizando como fontes periódicos denominacionais da época, a pesquisa explora os relatos desses estrangeiros sobre as precárias condições sanitárias da então capital brasileira, marcada por epidemias e falta de infraestrutura. Os textos missionários descrevem o contraste entre a beleza natural e o caos urbano. O estudo aborda também as transformações implementadas pela gestão do prefeito Pereira Passos, que, embora tenham modernizado a cidade, provocaram um encarecimento do custo de vida e o deslocamento da população mais pobre para o subúrbio. Conclui-se que esse processo de modernização e exclusão social influenciou a expansão do adventismo para as áreas suburbanas, adaptando a atuação missionária às novas realidades socioeconômicas da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Reformas urbanas; Rio de Janeiro; Missionários Adventistas; Imprensa denominacional; Primeira República.

ABSTRACT: This article analyzes the urban reforms in Rio de Janeiro between 1893 and 1909 from the perspective of North American Adventist missionaries. Using denominational periodicals of the era as sources, the research explores the accounts of these foreigners regarding the precarious sanitary conditions of the then Brazilian capital, marked by epidemics and a lack of infrastructure. The missionary texts describe the contrast between the city's natural beauty and its urban chaos. The study also addresses the transformations implemented by the administration of Mayor Pereira Passos, which, while modernizing the city, led to an increased cost of living

¹ Doutorado em Teologia (EST). Centro Universitário Adventista de São Paulo. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6877-940X> E-mail: fabio.darius@unasp.edu.br

² Mestrando em Teologia (Unasp). Centro Universitário Adventista de São Paulo. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-2976-3984> E-mail: davibpac@gmail.com

and the displacement of the poorer population to the suburbs. It is concluded that this process of modernization and social exclusion influenced the expansion of Adventism into suburban areas, as missionary work adapted to the new socioeconomic realities of the city.

KEYWORDS: Urban Reforms; Rio de Janeiro; Adventist Missionaries; Denominational Press; First Republic.



10.23925/2176-4174.36.2025e73274

Recebido em: 12/09/25.

Aprovado em: 17/09/25.

Publicado em: 17/09/25.

Introdução

O apagar das luzes do século 19 trouxe novidades para o cenário religioso no Brasil. A hegemonia do catolicismo, religião estatal por quatro séculos, começava a ser desafiada pelos movimentos missionários protestantes, impulsionados por religiosos norte-americanos e europeus. As aberturas graduais para a liberdade religiosa, feitas ainda no tempo do Império a partir da Constituição de 1822, favoreciam a inserção de iniciativas proselitistas. O Rio de Janeiro, a então capital do país, também foi palco para várias dessas incursões.

O protestantismo não era de todo novo na região. Por causa da imigração, luteranos e anglicanos estavam na região desde a primeira metade do século. Já em 1825 alemães protestantes chegam ao Rio Grande do Sul e ali estabelecem uma colônia luterana. A novidade, porém, foi a inauguração da era das missões. Superada a fase de imigração, foi inaugurada a era das missões. Com essa nova fase, o protestantismo deixaria de ser uma confissão de fé restrita aos europeus mais pobres radicados no Brasil para chegar aos nativos. O Distrito Federal recebeu representantes de diversas denominações. A persuasão acontecia não só com a pregação pública, mas com a publicação de literatura e implementação de instituições educacionais.

Os emissários da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) desembarcaram em meio a esse contexto. Após semanas de viagens extenuantes e arriscadas pelo

oceano, aportavam ansiosos para ganhar os nativos. A motivação, porém, encontraria muitos desafios. As condições urbanísticas precárias do Rio naquela ocasião, somadas ao calor intenso, provocavam doenças nos missionários e suas famílias. Eles escreviam aos leitores sobre alguns dos problemas na cidade.

A falta de um projeto urbanístico, que resultava na proliferação de doenças, foi abordada com detalhes. Também foram reportadas as mudanças, que iniciaram a partir da gestão Francisco Pereira Passos como prefeito. Publicações davam espaço a esses relatos, onde os missionários enviados prestavam contas de sua atuação bem como pediam ajuda, seja através de envio de pessoal ou recursos financeiros. Os textos também revelam os resultados das intervenções e os impactos sentidos na experiência desses missionários que motivados pela propagação de suas convicções fizeram o Brasil de casa.

1. Método

Os relatos publicados pelos missionários adventistas em jornais e revistas denominacionais são alguns registros das impressões de estrangeiros sobre as reformas urbanas do início do Rio logo no início do século 20. Para este trabalho, foram consultados os títulos *Review and Herald*, o principal periódico adventista, além do *The Home Missionary*, *The Youth's Instructor* e *Life and Health*, que também eram editados pela igreja.

A pesquisa foi feita através da plataforma Adventist Archives. O repositório é uma iniciativa da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia que agrupa parte do acervo de periódicos da IASD. Os conteúdos foram consultados online através do endereço: <https://www.adventistarchives.org>. A expressão utilizada na busca foi “Rio de Janeiro”. O período compreende as décadas de 1890 e 1900. Ao todo, foram encontrados 89 textos, a maioria escritos por missionários que moravam na cidade. Destes, selecionamos 17 que estavam diretamente relacionados às questões urbanísticas. A tradução de todas as citações de fontes é de responsabilidade dos autores.

Na perspectiva de Dietrich, Moura e Silva, os relatos de “viajantes e missionários [...] são fundamentais para compreendermos os diversos períodos

históricos do Brasil, com descrições que fugiram das ‘penas’ dos relatos ‘oficiais’” (2013, p. 6). Os relatos de missionárias e missionários norte-americanos têm sido úteis às pesquisas sobre a interação entre brasileiros e estrangeiros, uma vez que apresentam algumas das tensões que aparecem entre diferentes culturas. Conforme expressou Silva (2013, p. 41): “Qualquer contato entre grupos diferentes pressupõe impactos em todas as partes”.

Nas últimas décadas, o Brasil tem redescoberto a importância do uso dos jornais como fontes históricas. Diversos trabalhos na área da história têm sido realizados tendo em consideração o uso de acervos de periódicos. A discussão sobre métodos assertivos para esse exercício historiográfico tem sido realizados, a exemplo das publicações do historiador José D'Assunção (Barros, 2021; 2023). O Rio de Janeiro é um dos locais onde esse tipo de pesquisa é mais instigante, uma vez que na cidade “havia diversos jornais, com pluralidade de tendências políticas” (Ferreira, 2017, p. 10). A compreensão das reformas urbanísticas do Rio no alvorecer do século 20 tem sido estudada através da imprensa da época (Teixeira; Vergana, 2023, p. 4-9). Silva foi preciso ao comentar as vicissitudes desse caminho historiográfico: “Os jornais do passado continuam, no silêncio dos arquivos, a gritar ‘extra, extra’ e a iluminar, na obscuridade das encadernações, aquilo que, com a passagem de anos, se torna imprescindível compreender” (Silva, 2017, p. 12).

Neste artigo, propomos que essa forma de revisitar o passado, mesmo através de fontes potencialmente enviesadas – como periódicos denominacionais – é útil não apenas para o fazer histórico do campo da religião, mas também para a reconstituição de episódios regionais e sociais em uma perspectiva privilegiada. De fato, as páginas amareladas guardadas nos acervos são uma fonte documental importante para compreender a vida política, cultural e social da cidade.

2. A capital insalubre

Capital Federal de uma república recém-nascida, a cidade centenária deveria resolver velhos problemas. O contraste entre a beleza natural e o caos sanitário era uma realidade no Rio de Janeiro na virada entre os séculos 20 e 21. Tão abundante quanto a beleza natural eram os problemas sociais causados pela falta de infraestrutura no Rio de Janeiro. A cidade era o cartão-postal do Brasil, mas tinha todo

tipo de sujeira espalhada pelas ruas. Modernização e a miséria coexistiam nessa área complexa e agitada.

Os cortiços, que eram casas velhas e precárias de uso coletivo, estavam por toda parte. O intenso crescimento populacional levou a um aumento do número de pessoas vivendo em condições deletérias, especialmente na região central da cidade, onde a superlotação das habitações coletivas e a incapacidade dos serviços de abastecimento de água e saneamento eram evidentes (Teixeira; Vergana, 2023, p. 3). Além disso, “devido à ausência de meios de transporte que suprissem o deslocamento entre locais de moradia mais afastados e o trabalho – ou a procura deste – na região central da cidade, os trabalhadores se submetiam a condições insalubres de habitação” (Andrade, 2018, p. 90). Definitivamente, a questão não era meramente estética.

A falta de higiene era um problema sensível que tornava a cidade propícia às epidemias. A situação ficava ainda mais grave no verão, quando os vírus se espalhavam com mais intensidade e provocavam mortes. De acordo com Silva:

Com relação à sua estrutura urbana, o Rio de Janeiro, já em fins do século 19, vivia uma situação de estrangulamento urbano, tendo em vista que a cidade era a mais populosa do Brasil - a única que ultrapassava os 500 mil habitantes - em tudo isso se agravava devido à concentração de pessoas que viviam na área central da capital. Os jornais publicavam, como em todos os anos, notícias de epidemias, falta d'água e problemas com a violência. Não podemos esquecer-nos de enfatizar que a cidade atraía grande número de pessoas de todo país e recebia muitos imigrantes europeus que vinham para o Brasil em busca de melhores oportunidades de vida. Essa concentração de pessoas na capital facilitava a propagação de epidemias. As doenças mais comuns na época eram varíola, febre amarela, cólera, tuberculose e peste bubônica. Essas doenças dizimaram milhares de pessoas todos os anos, principalmente nas áreas centrais, onde as condições das moradias eram precárias. Tudo isso se agravava devido ao aglomerado de pessoas que viviam espremidas nas casas de cômodos e cortiços no centro da cidade. Não era por menos que os distritos mais próximos do centro eram a região mais afetada pelas epidemias citadas (Silva, 2017, p. 46 e 47).

Ainda antes da chegada dos primeiros missionários, um relatório da Associação Geral já havia mencionado que o calor na cidade era um problema para a permanência de missionários estrangeiros na cidade (Chadwick, 1893, p. 164). A morte de missionários metodistas na década de 1840 foi exemplo do problema. Por

causa das más condições da cidade, o casal Kelley, que fundou a primeira igreja protestante para brasileiros, passava pelo menos quatro meses por ano em Petrópolis (Santos, 2017). Na Cidade Imperial, eles fugiam do calor do verão e dos problemas de saúde comuns a esse período.

Naturalmente, os problemas de saúde que adoeceram missionários protestantes também atingiram os adventistas. As enfermidades proporcionadas pela urbanização precária do Rio de Janeiro eram uma preocupação constante para a família Thurston, os primeiros adventistas a se fixarem na cidade. William e Florence escreveram diversas vezes sobre os problemas de saúde que enfrentam. Em 1896, William contraiu febre amarela, assim como Huldreich Graf, que também passou um breve período no Rio (Good Examples, 1896, p. 203).

Em 1898, Florence e o filho do casal enfrentaram a malária. Por recomendação médica, deixaram a cidade temporariamente. Decidiram aproveitar a oportunidade para ir à Buenos Aires onde, além do descanso, participaram de reuniões com outros ministros adventistas da América do Sul. William ficou surpreso com a capital argentina que, segundo ele, estava muito “adiantada em relação ao Rio de Janeiro em condições sanitárias e tudo o mais que tende à saúde e ao bem do povo” (Thurson, 1898, p. 33). O texto dá um panorama sobre o verão de 1898, o que ajuda a entender como as pandemias impactavam a cidade.

O verão, com suas epidemias, está se aproximando e muitas pessoas estão deixando a cidade e indo passar o verão nas montanhas. O número de trens funerários aumenta semana após semana; e a menos que algum elemento invisível entre para controlar o progresso da febre, centenas de pessoas cairão, vítimas da doença mortal, antes do fim do verão. A falta de limpeza e higiene é a principal causa de tanta febre no Rio de Janeiro; e embora cada ano represente alguma melhoria, ainda há muito espaço para mais (Thurson, 1898, p. 33).

As moradias precárias, muito comuns na cidade, receberam a sua atenção de Florence. A sujeira nesses locais, que provocava ambientes propícios para a proliferação de doenças, foi relatada por ela. A falta de higiene era um problema sensível na cidade.

A hora da limpeza da casa não chega para essas pessoas. Nunca vi ninguém lavando janelas. Uma vez por mês ou seis semanas, o chão é inundado com água e esfregado com vassouras, depois deixado

para secar. Quando a casa fica muito suja para acomodar seus ocupantes, eles encontram uma casa mais limpa e se mudam para lá, e se o proprietário não consegue encontrar ninguém para alugar a antiga, ele deve limpá-la e consertá-la. As pessoas mais pobres se aglomeram em quartos muito próximos, vivendo em quartinhos tão sujos, malcheirosos e quentes que muitas vezes meu coração dói por eles. As janelas e portas são bem fechadas e trancadas à noite, para que o ar noturno, que todos acreditam ser muito ruim, não entre - e muitas vezes é muito ruim, mas não mais fora do que dentro. O Rio é um lugar lindo quando se olha para cima e ao redor, mas sujo quando se olha para baixo (Thurston, 1899, p. 244).

A presença constante de insetos chegava a impedir o armazenamento de comida: “Em algumas épocas do ano, a casa fica infestada de moscas, até que a paz da pessoa é quase destruída: outras vezes, pode-se livrar-se delas completamente se forem tomadas as precauções normais” (Thurston, 1899, p. 245). A presença de pedintes nas ruas, crimes violentos em plena luz do dia e descuido com crianças e animais completavam o cenário visto pela senhora Thurston, que entendia que a missão dos missionários envovia salvação não somente para a eternidade, mas também mudanças sociais (Thurston, 1899, p. 246).

O contraste entre a beleza natural e o caos sanitário também foi percebido pelo missionário J. A. Leland, que embora não tenha trabalhado no Brasil, esteve de passagem pela cidade do Rio.

A cidade ergue-se em grandeza majestosa acima da baía, mostrando com o melhor efeito as cores vivas dos edifícios do Rio, enquanto acima e atrás de tudo, superando as colinas, estão as florestas de verde tropical. Mas a sujeira e os odores desagradáveis que são encontrados após uma inspeção mais detalhada da cidade prejudicam sua beleza e dão origem à terrível febre amarela - aquela temida praga. Esta terrível doença é tão temida que, se um navio parar no porto do Rio (quando a febre está alta), deverá ser colocado em quarentena antes de ser autorizado a entrar em Montevidéu – mesmo que nem um único passageiro tenha desembarcado. Ninguém da capital brasileira foi autorizado a trazer frutas a bordo do nosso navio (como havia sido feito em todos os outros portos), provavelmente porque se temia a febre (Leland, 1899 p. 502).

Em 1900, a capital passaria por um surto de peste bubônica. As medidas para gestão da crise trariam discussões acirradas (Nascimento; Silva, 2013). Retornando à casa depois de suas frequentes viagens pelo Brasil, precisou ficar em observação

na Ilha Grande. A quarentena traria restrições alimentares, uma vez que alguns itens, como o pão, eram proibidos, o que fez com que as frutas se esgotassem ainda no segundo dos sete dias de isolamento.

Há quase três meses a cidade do Rio de Janeiro é um local de confinamento por conta da peste bubônica. Quando você está na cidade, só com muitos problemas você consegue fugir. Se quiser sair de trem, você e sua bagagem deverão ser desinfetados; se quiser sair de barco, deverá passar dez dias em quarentena. Estou apenas passando por esse processo de quarentena. Estamos num pequeno estreito entre a Ilha Grande e as terras principais, sessenta milhas a sudoeste do Rio (Spies, 1900, p. 12).

Fica evidente, portanto, que o Rio de Janeiro da virada do século era uma cidade de paradoxos profundos, onde a exuberância da natureza era ofuscada por uma crise sanitária e social crônica. Através dos relatos detalhados de missionários como os Thurston, Leland e Spies, o texto desvela uma realidade que ia muito além do cartão-postal. Suas cartas e diários não apenas documentam o medo constante das epidemias, como a febre amarela e a peste bubônica, mas também oferecem uma perspectiva sobre as causas estruturais do problema: a moradia precária nos cortiços, a falta de higiene generalizada e a superlotação de uma capital incapaz de absorver seu crescimento.

Essas fontes documentais revelam que a insalubridade não era um mero pano de fundo, mas uma força ativa que moldava a vida cotidiana, forçando o isolamento, a fuga temporária para locais como Petrópolis e, em última instância, a intervenção drástica do Estado. O confinamento e a quarentena descritos por Spies em 1900 marcam o clímax dessa tensão, simbolizando o momento em que o caos urbano se tornou insustentável. A luta pela sobrevivência era, acima de tudo, uma batalha contra um inimigo invisível, nutrido pela miséria e pela negligência que coexistiam com a beleza estonteante da capital.

3. Uma igreja teuto-americana no Rio de Janeiro

Até o início do século 20, o trabalho dos missionários adventistas no Rio de Janeiro havia tido ênfase na comunidade alemã, praticamente excluindo os nativos. O idioma era a maior barreira para a realização de um trabalho mais abrangente. Os

missionários ainda não dominavam o português nem dispunham de materiais traduzidos, mas estavam cientes das necessidades. A. B. Stauffer, por exemplo, reconhecia a necessidade de iniciar uma escola para preparação de ministros e uma editora para produção de livros e revistas. Para ele, essas estruturas eram necessárias para a consolidação da iniciativa missionária no país: “Devemos fazer esforços sérios para transmitir a mensagem aos nativos. A melhor maneira de fazer isso é educando talentos nativos” (Stauffer, 1901, p. 11).

As possibilidades de interação com os brasileiros aumentaram com a publicação do primeiro periódico adventista no vernáculo. Produzido no Rio, *O Arauto da Verdade* foi o primeiro passo para a consolidação de uma editora no país. O jornal era vendido aos cariocas nas ruas. Dois colportores - vendedor itinerante que distribui ou vende Bíblias e outras publicações de caráter religioso - dedicavam-se a esse trabalho. Stauffer comemorou o movimento: “Estamos realmente satisfeitos por este trabalho ter finalmente começado” (1902a, p. 17). A busca por leitores não era fácil, mas já parecia trazer resultados, tornando o jornal financeiramente sustentável paulatinamente. O crescimento no número de assinaturas e vendas avulsas seria também como símbolo de que a mensagem adventista estava mais conhecida.

Em dezembro de 1902 um dos colportores, que não teve o nome identificado, tornou-se uma das centenas de vítimas anuais da febre amarela (Westphal, 1902, p. 15). A baixa representou um desafio adicional ao adventismo carioca (Stauffer, 1902, p. 15): “Uma cidade com mais de seiscentos mil habitantes precisa de muitos trabalhadores; mas quão felizes ficaríamos se um jovem consagrado tomasse o lugar de nosso irmão caído e liderasse um verdadeiro trabalho missionário”.

4. As reformas em ação

As transformações urbanísticas no Rio de Janeiro eram necessárias para melhorar esse cenário. A nomeação do prefeito Francisco Pereira Passos seria fundamental para as mudanças. Engenheiro, ele transformou a cidade em um canteiro de obras. O alvo do Rio era ser o espelho tropical de Paris (Abrahão, 2022, p. 162 e 166). Para atingir esse objetivo, Pereira Passos teve recursos quase sem limites e plenos poderes políticos: a Câmara foi fechada, deixando os vereadores sem voz nas

tribunas por seis meses. Oposição, só em parte da imprensa: “O projeto de modernização não contou com apoio integral da opinião da imprensa, que temia os custos não só econômicos como também sociais e urbanísticos do empreendimento” (Silva, 2017, p. 45). No início do século, o Rio queria entrar em uma nova era. A capital começaria a passar por grandes mudanças urbanísticas.

Entre 1903 e 1906, o Rio de Janeiro passou por significativas reformas urbanas, resultado de ações conduzidas tanto pelo Governo Federal quanto pela prefeitura da cidade. As intervenções, orientadas por diferentes diretrizes e lideradas pelos engenheiros Lauro Müller e Francisco Pereira Passos, foram impulsionadas por um ambicioso projeto inicialmente elaborado por Rodrigues Alves, então Presidente da República. O objetivo era transformar a imagem, a sanidade e a economia da capital, com o intuito de atrair imigrantes estrangeiros (Azevedo, 2003, p. 40 e 41).

Os missionários adventistas reportaram os impactos da reforma na cidade nos periódicos denominacionais. De longe, os adventistas norte-americanos acompanharam essas mudanças. De passagem pela cidade em 1904, quando os resultados das intervenções ainda não eram tão evidentes, Violet G. Hawksworth ainda chamou atenção para os problemas sanitários enfrentados na cidade: “Embora o Rio de Janeiro seja uma cidade bonita, sua beleza é muito prejudicada pela maneira descuidada com que os nativos distribuem seus resíduos pelas encostas onde vivem. Esta ornamentação profusa, mas feia, pode ser vista a longas distâncias” (Hawksworth, 1904, p. 1).

As mudanças viriam aos poucos. As obras envolveram reformas no porto e aberturas de novas avenidas e ruas. A intervenção trouxe ainda arborização à cidade, além de postes de iluminação alimentados por energia elétrica. Para que houvesse espaço para esses projetos, foi necessário investir na desapropriação e demolição de edifícios, o que agravou a situação da moradia dos trabalhadores no Rio. Vários deles foram arrastados para o subúrbio ou passaram a viver em favelas (Silva, 2017, p. 54 e 55).

As mudanças afetaram não só o urbanismo, mas também vários dos hábitos da cidade. Conforme notou Abrahão, “a reforma que redefiniu a estrutura urbana do centro da cidade do Rio de Janeiro e adjacências, além da transformação estética,

teve como finalidade precípua a imposição de novos hábitos e costumes por intermédio de leis e decretos, os quais influenciaram decisivamente a vida dos habitantes" (2022, p. 165). As medidas refletiam os esforços das autoridades para moldar a cidade conforme os padrões desejados da época.

Diversas proibições e obrigações foram regulamentadas, incluindo a obrigatoriedade de pintura, caiação, consertos e limpeza das faces visíveis dos imóveis; a proibição de cuspir e escarrar nos veículos de transporte de passageiros, com a prescrição do uso de escarradeiras em locais públicos; a proibição de fogueiras, fogos de artifício e balões de fogo em ruas e praças públicas; e a proibição da atividade de mascates e vendedores ambulantes sem licença (Abrahão, p. 168). Além disso, estabeleceu-se o recolhimento de mendigos e a extinção de cães vadios, criando-se um serviço extraordinário de inspeção sanitária de habitações. Também foi proibida a condução de vacas por vendedores de leite, a venda de miúdos de reses e bilhetes de loteria por ambulantes, além de reprimir o uso dos trilhos dos bondes por pessoas conduzindo carros de mão (Silva, 2017, p. 51).

De passagem pelo Rio de Janeiro, F. H. Westphal também ficou atento às mudanças que já eram visíveis em 1904. O ambiente, ainda em transformação, já era mais conveniente daquele visto há dez anos anos, quando Westphal conheceu a cidade.

Visitamos o irmão Stauffer, secretário da Associação Brasileira. Ele está confortavelmente localizado próximo à cidade do Rio Janeiro. Uma parte de sua casa é usada como depósito. Algumas mudanças estão sendo feitas na cidade do Rio Janeiro. Há muita construção em andamento. Isso trouxe muitos trabalhadores para a cidade, e por isso as acomodações estão lotadas e os aluguéis são altos. Muitas das necessidades da vida são muito mais caras do que quando estávamos aqui antes (Westphal, 1904, p. 15).

Em síntese, o projeto de modernização do Rio de Janeiro sob a gestão de Pereira Passos foi uma intervenção drástica que buscou remodelar não apenas a paisagem, mas a própria dinâmica da cidade. As proibições de costumes populares, o controle sobre os vendedores ambulantes e a imposição de um novo código de conduta revelam uma clara intenção de higienizar o espaço público, alinhando a

capital brasileira aos padrões europeus de civilidade. Essa transformação, embora celebrada por muitos como um avanço necessário, foi também um processo autoritário que silenciou oposições e desconsiderou o impacto sobre as camadas mais pobres sem tocar no cerne do problema - educação de qualidade para não mais se repetir tais quadros.

Os registros dos missionários adventistas funcionam, nesse contexto, como um termômetro das mudanças em curso. A observação de F. H. Westphal sobre o encarecimento do custo de vida e a superlotação da cidade em 1904 captura com precisão os efeitos colaterais imediatos das obras. Fica claro que a busca por uma capital saneada e ordenada teve como consequência direta o agravamento da crise habitacional e o aprofundamento das desigualdades sociais. A "nova era" para o Rio de Janeiro, portanto, nasceu de uma tensão fundamental entre a cidade idealizada pela elite e a cidade real, vivida e transformada à força por seus habitantes.

5. Conurbação: a origem do adventismo carioca suburbano?

As reformas trouxeram melhorias nas condições sanitárias e urbanísticas, mas afastaram os pobres que foram para o subúrbio da cidade. Os missionários foram parte desse processo. Com as obras, o impacto das doenças diminuiu e a elegância da cidade aumentou, assim como a exclusão social. Com a modernização, viver no Rio ficou muito mais caro. Isso traria alguns impactos na experiência dos missionários, que passaram a viver em bairros onde o custo de vida seria mais acessível.

O desenvolvimento do adventismo a partir do subúrbio carioca - o que pode ser verificado tanto pela instalação da primeira igreja no Méier quanto pelos textos de Lima Barreto alusivos aos cultos protestantes realizados aos sábados por missionários norte-americanos - possivelmente pode ser explicado através dessa dinâmica busca por barateamento após a reforma Pereira Passos.

Além de mobilizar uma soma de dinheiro considerável para custear a indenização aos proprietários dos imóveis a serem demolidos, houve também um custo social incomensurável, tendo em vista um grande número de pessoas que viviam em moradias populares - cortiços e casas de cômodos - e que foram obrigadas a se deslocar para áreas mais afastadas do centro da cidade onde então se aglomeraram nos morros que não foram afetados pelas obras (Silva, 2017, p. 46).

Mudando-se do Paraná para o Rio em junho de 1905, Spies teve dificuldades para se instalar na cidade: “Foi encontrada uma casa, a família instalada e agora estamos prontos para trabalhar. Devido às melhorias que a cidade está a fazer, milhares de casas estão a ser demolidas no coração da cidade, e o resultado disso é que as casas são escassas e as rendas, já elevadas, aumentam constantemente” (Spies, 1905, p. 13). A solução para a busca de Spies foi fixar resiliência em Cascadura. Em outro texto, publicado no ano seguinte, ele recordou as dificuldades:

Devido às melhorias que o governo está a fazer aqui, e que incluem, entre outras coisas, várias avenidas largas que estão a ser cortadas no coração da cidade, milhares de habitações foram demolidas, resultando numa grande escassez de casas e aluguéis altos.

Isso, é claro, tornou um pouco difícil encontrar um lar. Mas o Senhor, que sempre provê para o seu povo, conduziu-nos a uma casa que, embora não fosse de forma alguma moderna em seus equipamentos, Abe poderia fazer para atender muito bem às nossas necessidades (Spies, 1906, p. 14).

O desenvolvimento do adventismo no subúrbio do Rio é visível através da construção do primeiro prédio, a igreja do Méier, em 1922 (Spies, 1922, p. 13). Antes disso, ainda em 1910, já um grupo que se reunia em Cascadura (Varias [...], 1910, p. 10). Olaria ganharia uma igreja em 1929 (Passos, 1929, p. 4). No mesmo ano, também aconteceram também atividades missionárias em Madureira (East [...], 1929, p. 5). À época, o único agrupamento adventista fora do subúrbio era a igreja Central do Rio, na Praça da Bandeira. Parece plausível estabelecer uma relação entre o desenvolvimento do adventismo bem-sucedido no subúrbio e a movimentação dos missionários para essa região. Porém, essa afirmação excede os objetivos estabelecidos para o presente texto.

Revistar essa questão em uma futura publicação parece ser uma iniciativa promissora, uma vez que a expansão do adventismo deve considerar o aspecto geográfico e econômico e possíveis implicações. Seriam esses adventistas alguns dos primeiros adventistas trabalhadores pobres arrastados para o subúrbio? Os membros seriam descendentes dos africanos escravizados prejudicados pela competição no trabalho livre com os imigrantes? Essas são algumas das questões inerentes à

pesquisa sobre as reformas urbanísticas do Rio (Andrade, 2018, p. 91 e 102). Compreendê-las pode trazer implicações em uma melhor compreensão da inserção do adventismo no Rio de Janeiro.

No *Northern Union Reaper*, um jornal local para adventistas, as obras no Rio foram utilizadas como recurso retórico na promoção da educação denominacional. O autor, O. J. Graf, extraiu do altíssimo custo para as melhorias na cidade uma lição aos pais de crianças pequenas: ignorar a base compromete todo o desenvolvimento. Quando possível, e se possível, o conserto custa caro.

Este método dispendioso realizou apenas parcialmente o que poderia ter sido se os fundadores, quando a cidade estava na sua infância, tivessem desenhado as ruas como deveriam ter feito. Naquela época, centenas teriam conseguido o que hoje exige milhões.

Quão parecidos nós somos com os fundadores cegos daquela cidade. É permitido que as influências mundanas exerçam uma influência poderosa sobre a vida daqueles que têm anos ternos e receptivos, e, mais tarde, quando o mundanismo tiver se estabelecido firmemente, estaremos prontos para fazer grandes sacrifícios para redimir os jovens rebeldes e mal instruídos (Graf, 1908, p. 24).

Outro relato interessante sobre a melhoria das condições sanitárias no Rio após as reformas urbanísticas foi publicado pela revista *Life and Health* em 1909. Especializada em estilo de vida, a revista ainda em circulação também é uma publicação adventista.

Talvez nenhuma cidade tenha feito progresso mais perceptível em suas condições sanitárias, durante os últimos cinco anos, do que o Rio de Janeiro. Antigamente as ruas eram pouco mais que becos sombrios; quase nenhuma consideração foi dada à saúde dos habitantes, e uma população sem-teto vagava pelos parques e pela orla marítima. Mas agora por todos os lados há evidências de que o Brasil está despertando para as mais avançadas ideias de saneamento científico. Muitas destas ruas estreitas e sombrias foram transformadas em belas avenidas, parques foram abertos em alguns dos bairros confusos e as ruas são bem pavimentadas e mantidas escrupulosamente limpas. A orla marítima, em tempos passados um local ideal para antros de maldade e refúgios de criminosos, foi embelezada por um paredão, ao longo do qual se estende por vários quilômetros uma avenida, com jardins tropicais, mais lindamente iluminados à noite.

As habitações condenadas e demolidas foram substituídas por blocos comerciais mais caros, e centenas de famílias foram obrigadas a

encontrar casas noutros locais. A escassez de casas tornou as rendas exorbitantes, o que também explica em grande parte as condições insalubres que ainda existem em alguns bairros, onde quatro ou cinco famílias se amontoam numa pequena casa térrea (Prener, 1909, p. 685).

Também em 1909, a impressão de um missionário adventista que estava de passagem pelo Rio era positiva, muito diferente daquela registrada pelos colegas que passaram pela cidade nos primeiros anos: “Esta é uma cidade bonita. Foi residência do imperador do Brasil nos tempos anteriores à república. Existem muitos edifícios de mármore, grandes e elevados, e parques. As ruas são limpas, largas e bonitas, com árvores de sombra. Todas as nacionalidades estão representadas na população” (Shultz, 1909, p. 13).

Conclusão

As transformações urbanísticas no Rio de Janeiro, iniciadas no final do século nos anos do século 20, refletem um período de significativas mudanças na cidade, que buscava modernizar. A análise dos relatos dos missionários adventistas revela não apenas as dificuldades encontradas por eles devido às precárias condições sanitárias, mas também destaca o impacto dessas reformas na vida dos habitantes. A disseminação das crenças, aliás, parece ter sido influenciada por esse processo.

Os missionários adventistas, assim como os de outros grupos protestantes, enfrentaram desafios devido à insalubridade e às epidemias. Os relatos deles sobre esses problemas, que foram preservados em periódicos da denominação, fornecem uma perspectiva única sobre a interação entre os missionários estrangeiros e o contexto urbano carioca durante suas transformações.

As reformas lideradas por Francisco Pereira Passos trouxeram melhorias visíveis à infraestrutura da cidade, mas também resultaram na deslocação de populações vulneráveis para áreas periféricas, evidenciando a dualidade entre progresso e exclusão social. A expansão do adventismo nos subúrbios do Rio pode

ser vista como uma consequência direta dessas mudanças urbanísticas, à medida que os missionários se adaptaram às novas realidades sociais e econômicas.

O estudo dos registros missionários não apenas enriquece a compreensão das reformas urbanas no Rio de Janeiro, mas também oferece insights valiosos sobre a interação entre processos de modernização e práticas religiosas. Essa análise sublinha a importância de considerar fontes diversas uma reconstituição mais detalhada do passado, o que pode resultar em uma visão mais abrangente da história social, cultural e religiosa da cidade.

Referências bibliográficas

ABRAHÃO, João Vitor Schmutzler. O “bota-abixo” de Pereira Passos: transformação urbana como artifício civilizatório? **Revista Inter E Transdisciplinar de Ciências Sociais e Humanas**, v. 62, p. 155-174, 2022. Disponível em: https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/50454748/tae_62_.pdf. Acesso em 12 set. 2025.

ANDRADE, Vanessa de Araújo. A reforma Pereira Passos (1902- 1906), a memória da escravidão e algumas implicações sociais e raciais. **Mosaico**, v. 9, n. 15, p. 86-104, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.12660/rm.v9n15.2018.76897>. Acesso em: 12 set. 2025.

AZEVEDO, André Nunes de. A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana. **Revista Rio de Janeiro**, n. 10, p. 39-79, maio de 2003.

BARROS, José D'Assunção. **O jornal como fonte histórica**. Petrópolis: Vozes, 2023.

BARROS, José D'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas – uma síntese metodológica. **Revista Portuguesa de História**, v. 52, 21 out. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.14195/0870-4147_52_17. Acesso em: 21 out. 2024.

CHADWICK, L. C. Travels in South America. **General Conference Daily Bulletin**, v. 5, n. 6, p. 163-164, 6 fev. 1893.

DIETRICH, Ana Maria; MOURA, Carlos André Silva de; SILVA, Eliane Moura da. Apresentação. In: DIETRICH, Ana Maria; MOURA, Carlos André Silva de; SILVA, Eliane Moura da. **Viajantes, missionários e imigrantes**: a história em movimento. Campinas: Unicamp/IFCH, 2013.

EAST Brazil Notes. **South American Bulletin**, v. 5, n. 3, p. 6, mar. 1929.

FERREIRA, J. Apresentação. In: FERREIRA, J. (org.). **O Rio de Janeiro nos jornais**: ideologias, culturas políticas e conflitos sociais. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

GOOD examples. **The Home Missionary**, v. 8, n. 9, set. 1896.

GRAF, O. J. The Opportune Time. **Review and Herald**, v. 85, n. 14, 2 abr. 1908.

HAWKSWORTH, V. G. The city of Rio de Janeiro. **The Youth's Instructor**, v. 52, n. 28, 12 jul. 1904.

LELAND, J. A. Voyage and first impressions. **The Missionary Magazine**, v. 11, n. 11, nov. 1899.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; SILVA, Matheus Alves Duarte da. "Não é meu intuito estabelecer polêmica": a chegada da peste ao Brasil, análise de uma controvérsia, 1899. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 20, n. 30, 30 nov. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702013000400010>. Acesso em: 10 jun. 2024.

PASSOS, José R. dos. Mais um Pharol no Rio. **Revista Mensal**, p. 4-5, maio de 1929.

PRENER, H. S. Rio de Janeiro, Brazil. **Life and Health**, nov. 1909.

SANTOS, Lyndon de Araújo. **Os mascates da fé:** história dos evangélicos no Brasil (1855 a 1900). Curitiba: CRV, 2017.

SHULTZ, O. H. On the Way to Bolívia. **Review and Herald**, v. 86, n. 51, 23 dez. 1909.

SILVA, Diego Carvalho da. Uma avenida em questão: a construção da Avenida Central e os debates públicos. In: FERREIRA, Jorge (org.). **O Rio de Janeiro nos jornais:** ideologias, culturas políticas e conflitos sociais (1889-1930). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

SILVA, Eliane Moura da. Viajantes e missionárias protestantes norte-americanas: narrativas e alteridades na segunda metade do século XIX. In: DIETRICH, Ana Maria (org.). **Viajantes, missionários e imigrantes:** a história em movimento. Campinas: Unicamp/IFCH, 2013. p. 35-50.

SILVA, Juremir Machado da. **A abolição na imprensa e no imaginário social.** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

SPIES, F. W. Casa de oração no Rio. **Revista Mensal**, v. 17, n. 10, p. 13, set. 1922.

SPIES, F. W. Notes from Brazil. **Review and Herald**, 18 set. 1900.

SPIES, F. W. Rio de Janeiro, Brazil. **Review and Herald**, v. 83, n. 12, 22 mar. 1906.

SPIES, F. W. Rio de Janeiro. **Review and Herald**, v. 82, n. 34, 24 ago. 1905.

SPIES, I. Menas Geraes, Brasil. **The Missionary Magazine**, v. 11, n. 6, jun. 1899.

STAUFFER, A. B. Brazil. **Review and Herald**, v. 78, n. 49, 3 dez. 1901.

STAUFFER, A. B. Brazil. **Review and Herald**, v. 79, n. 36, 9 set. 1902a.

STAUFFER, A. B. Notes. **Review and Herald**, v. 79, n. 48, 2 dez. 1902b.

TEIXEIRA, Suelem Demuner; VERGARA, Moema. O Rio de Janeiro pelo Brasil Imprensa, capitalidade e reformas urbanas no início do século XX. **Acervo**, v. 36, n. 1, p. 1-21, 2023. Disponível em:

<https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/1891>. Acesso em: 10 jun. 2024.

THURSON, W. H. Brazil. **Review and Herald**, v. 75, n. 2, 11 jan. 1898.

THURSTON, F. S. Domestic life in Rio. **The Missionary Magazine**, v. 11, n. 6, jun. 1899.

VARIAS Notícias. **Revista Mensal**, v. 5, n. 6, jun. 1910.

WESTPHAL, F. H. From England to South America. **Review and Herald**, v. 81, n. 50, 15 dez. 1904.

WESTPHAL, J. W. Brazil. **Review and Herald**, v. 79, n. 46, 18 nov. 1902.